

## Resenha

### **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade** (SANTAELLA, Lúcia. São Paulo, SP: Paulus, 2010)

Aline Lisboa da SILVA<sup>1</sup>

A obra “Ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade” de Lúcia Santaella é uma continuidade de outro livro seu intitulado “Linguagens líquidas na era da mobilidade” (2007), o qual a autora desencadeia uma série de discussões acerca do advento da mobilidade. Agora Santaella se utiliza da metáfora da ecologia, termo originário do ramo da biologia que com o decorrer do tempo desenvolveu-se em caráter interdisciplinar, para discutir o pluralismo e a célere expansão das mídias.

O livro possui dezenove capítulos, em que estes tratam basicamente de três temas centrais que dão título à obra: a metáfora da ecologia, defendida pela autora desta forma metafórica por conta das comparações entre as dinâmicas comunicacionais e os organismos vivos; o pluralismo midiático, referindo-se à convergência das mídias e expansão da diversidade; e por fim três termos que formam o subtítulo do livro – conectividade, mobilidade e ubiquidade – os quais são destrinchados em capítulos específicos remetendo a práticas sociais e aos processos atuais da comunicação.

A autora, que inicia o livro destacando algumas determinações contextuais do pós humano, entre elas o reconhecimento da heterogeneidade, da multiplicidade, da contradição, do contexto e da objetividade situada como constitutivos do humano, traça um panorama sobre os distintos modos de visualização da tecnologia, sob o viés de dois pensadores fundamentais do pós humanismo, Heidegger (2002) e Sloterdijk (2000), onde o primeiro apresenta a tecnologia sob o ponto de vista da negação, já o segundo não utiliza o termo “pós humano”, mas sua idéia de homeotecnologia está em total sintonia com as novas antologias e epistemologias que podem dar conta das inteligências híbridas.

Nos capítulos que seguem (segundo ao quarto) são discutidas questões como o ritmo das transformações tecnológicas, desde o século XIX até os dias atuais, e como isso se configura em um novo ecossistema de linguagens e escritas, e ainda a distinção entre convergência midiática e tecnológica, sendo que Santaella (2010) cita três tipos de convergência, de acordo com Pellegrino (2008): infraestrutural, material e funcional. É discutido também o conceito de hibridismo ou hibridez no campo da cultura, lançando nota do

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura da UFPB

autor Nestor Garcia Canclini e sua obra *Culturas Híbridas* (1989), que prenunciou a expansão das formas de hibridismo no mundo, logo o termo foi incorporado ao hibridismo das mídias, na cultura digital, apresentando-se como um processo de convergência das mídias, que está na base do hibridismo midiático.

Do quinto ao décimo capítulo, Santaella (2010) dedica espaço para discussões especificamente à cultura da mobilidade, sendo que a mesma afirma ser a mobilidade fator marcante da pós modernidade. Essa diretriz norteia toda a base da obra em questão e lança discussões acerca dos conceitos de espaço, lugar e mobilidade; fatores como a hibridação dos corpos, segundo ela “encontro entre o físico e o virtual.” (p. 118); o papel das mídias locativas nas artes; a aceleração das transformações dos meios tecnológicos de produção de linguagens; a escassez das interações sociais no modo presencial; além das questões políticas que emergem com as mídias locativas.

O capítulo oito é considerado fundamental para a compreensão da Era do monitoramento, tema de destaque nas discussões lançadas pela autora nesta obra, em que emergem novas formas de vigilância – autovigilância e automonitoramento – estas são metaforicamente comparadas a Tântatos (tendência à destrutividade) e Eros (força de apelo à vida), tratando basicamente de como os indivíduos apresentam agora comportamentos motivados pelo prazer de aspirações inalienáveis da condição humana.

Temas como a volatilidade das imagens (explosão de imagens); a relevância do sistema háptico e as virtudes das mãos são abordados no capítulo nove, que antecipa a discussão sobre “corpos carnis e corpos alternativos” em detrimento a “real e virtual” (p.202) no capítulo posterior, onde o espaço físico e espaço digital fazem conexões intercambiantes, provocando mutações no estatuto do corpo e de suas condições de existência.

Entre os capítulos onze e treze são discutidas temáticas que envolvem a arte e seus desdobramentos tecnológicos, como a arte dos corpos digitais e híbridos, categorizando essa tendência em seis tipos: corpo conectado nas redes; corpo dos avatares; corpo na telepresença; corpo na realidade virtual; corpo de vida artificial e corpos híbridos, sendo destacada cada modalidade das artes dos corpos digitais. Nestes capítulos, a autora ainda coloca em xeque dois questionamentos, até então sem resposta definida: “o que é arte e que tipo de entidade pode ser considerada uma obra de arte?”. (p. 229). Para ela, “não há técnicas ou métodos de trabalho que possam garantir a aceitação do resultado final como arte.” (p.236), por aí se entende o quanto se torna subjetiva a condição da imagem na arte contemporânea.

O tema das redes sociais também é abordado na obra – capítulos catorze e quinze – em que a autora faz um breve histórico do ciberespaço e segue falando desde as comunidades virtuais até as redes sociais. É tratado também o tema da onipresença nas redes e a distinção entre redes sociais e redes sociais na Internet, sendo a primeira mais ampla que a segunda. Santaella (2010) toca ainda na questão do uso das redes sociais da *web* na comunicação organizacional e como elas modificam o ambiente de gestão numa empresa, sobretudo sua cultura organizacional. Ela fala ainda da subjetividade das redes e esta como fator de compartilhamento.

O capítulo dezesseis fala da economia da atenção, tratando basicamente dos efeitos que as modernas tecnologias informacionais estão provocando em nosso estado mental e nas conceitualizações em nossa mente e cérebro. A autora situa os três tipos de atenção, identificadas por Klingberg (2008) – impulsionada por estímulo; controlada; conduzida pela memória operativa. Além disso, ela afirma que o oposto da atenção é a distração e diz ainda que a interrupção é a fragmentação do pensamento e do tempo. Por fim, Santaella (2010) conclui que a inteligência humana encontra-se em processo de adaptação e acomodação devido à sobrecarga de informação (mentes fluidas, híbridas, auto-organizativas em ambientes hiperconectados e ubíquos). Na seqüência, o capítulo dezessete tem como base discutir sobre ética na *web* ou net ética, a ética nos ambientes digitais e a volatilidade desses ambientes, sempre prontos e propensos a mudanças, sobretudo mudanças também ao agenciador desses espaços interativos (ética construcionista).

Por fim, os dois últimos capítulos da obra abordam o consumo e a real significação e uso dos objetos, a lógica das mercadorias, o fetichismo, a relação da tecnologia com o novo conceito e nova função dos objetos. E finalmente, conclui-se que “nenhuma comunicação de um indivíduo a outro pode livrar-se da vagueza. Não há signos seguros na comunicação, apenas sugestões, adivinhações e negociações de sentido.” (p.367), ou seja, por mais que se tente ser preciso na comunicação, não há necessariamente uma precisão absoluta, afinal a interpretação de uma pessoa para outra varia conforme suas experiências em relação ao uso das palavras, resumindo a vagueza na lógica e na comunicação é ambivalente e contínua, a autora comunga dessa premissa encontrada na arquitetura filosófica de C. S. Peirce.

É possível observar, a partir das análises anteriormente apresentadas, que Santaella, de certa forma antecipa-se nas discussões acerca da cultura da mobilidade,

quando em 2010 (ano de publicação da referida obra), o contingente de aparatos tecnológicos com propriedades móveis de conectividade ainda não havia sofrido um *boom* pervasivo como se observa na atualidade. A autora, que tem como característica fundamental em suas obras possibilitar reflexões concernentes às novas configurações midiáticas apresenta em “A ecologia pluralista da comunicação” não somente uma discussão pautada num viés comunicacional e tecnológico, mas, sobretudo, social, econômico e político.

Conclui-se, portanto, que esta obra é de real relevância para os estudos em comunicação, em especial estudos relacionados às mídias, visto que se necessita compreender a metáfora da ecologia pluralista da comunicação para de fato entender a semiodiversidade destas, com sua gama tão ampla de possibilidades de usos e convergências. Afinal, a coevolução implica em novos olhares sobre o contexto das mídias, não cabendo mais a elas serem analisadas de forma individual, segregada. A tecnologia móvel, aqui abordada com destaque, é apenas o primeiro passo que vai além do *desktop*. É, sobretudo, uma íntima interligação entre o espaço físico e o digital, mediada pela inteligência artificial, presente em objetos e ambientes do cotidiano.